

Rumo a Marte

Ensaio sobre o grupo de passeio em um hospital-dia

Fernanda A. Gioso

Karina F. Bonalume

Leila T. Yabiku

Maira H. Peixeiro

Martin Aguirre

Resumo

Este ensaio tem como objetivo repensar a clínica institucional com pacientes graves no contexto de um grupo de passeio. O grupo de passeio do Instituto “A Casa” foi criado há vinte anos com a intenção de experimentar o fora e as possibilidades que a cidade proporciona. Este grupo permite um contato cuidadoso e acompanhado com o espaço social. Neste texto propomos uma articulação entre as experiências do grupo e a teoria psicanalítica, usando conceitos tais como: o desejo, função paterna e constituição do sujeito. Pensamos que a clínica com esses pacientes consiste essencialmente em oferecer condições propícias para a construção de sentidos e metáforas, que possam criar a possibilidade de um enlace subjetivo. Entendemos que a potencialidade deste grupo está em sua diversidade e proposta, que multiplica a possibilidade de construção subjetiva.

Palavras-chave: grupo; passeio; desejo e psicose.

Resumen

Este ensayo tiene como objetivo repensar la clínica institucional con pacientes graves en el contexto de un grupo de paseo. El grupo de paseo del Instituto “A Casa” nació hace veinte años con la propuesta de experimentar “la salida” y las posibilidades que la ciudad otorga. Este grupo permite un contacto cuidadoso y acompañado con los espacios sociales. En este trabajo proponemos intercambios entre las experiencias del grupo y la teoría psicoanalítica usando conceptos como el deseo, el rol paterno y la formación del sujeto. La propuesta clínica ofrece condiciones adecuadas para la construcción de sentidos y metáforas que permitan crear la posibilidad de enlaces subjetivos. Creemos que la potencialidad del grupo está en su diversidad y propuesta que multiplica la posibilidad de la construcción subjetiva.

Palabras-clave: grupo, paseo, deseo, psicosis.

Este texto foi produzido inicialmente para um ciclo de debates internos realizado no Instituto “A Casa” em 2003, e foi posteriormente reformulado para esta apresentação. Trata-se

de um ensaio sobre a prática clínica que desempenhamos no grupo de passeio, trabalho que se desenvolve essencialmente através do fazer.

No trabalho clínico em instituições psicanalíticas de saúde mental, a sustentação do tratamento nos propõe a necessidade de um re-pensar contínuo. Diversos dispositivos são oferecidos aos pacientes na tentativa de possibilitar a construção de sentidos e metáforas que possam produzir alguma sustentação subjetiva. É neste sentido que o Grupo de Passeio do Hospital Dia do Instituto “A Casa” foi criado há mais de 20 anos; com a intenção de experimentar o fora e as possibilidades que a cidade proporciona. Este grupo é um dos poucos recursos da instituição que permitem esta ligação, este contato com o “fora”. Um contato cuidadoso, acompanhado por um corpo que se constitui com os participantes do grupo e que assim, torna a tarefa de incursionar pela cidade menos ameaçadora. O passeio torna-se um tentáculo telescópico da instituição; estamos fora dela, mas de alguma forma ainda protegidos por ela.

O grupo acontece uma vez por semana, às sextas-feiras à tarde, nele participam terapeutas, estagiários de formação da instituição e de faculdades. Todos os pacientes presentes neste período estão convocados, e só em extremas exceções é que alguém fica na instituição sem participar da atividade proposta. O Grupo começa depois do almoço, quando alguns terapeutas começam a percorrer a instituição convocando os participantes a comparecerem à sala de reunião.

Sexta-feira, 13:30, logo depois do almoço e de uma manhã de trabalho nas oficinas do Hospital-Dia, várias pessoas se reúnem em uma sala, aquela mesma onde pela manhã ouvia-se o barulho das máquinas da oficina de marcenaria e, então, surge, normalmente da boca de um dos terapeutas, a grande questão do momento: E aí, o que vamos fazer hoje? Inicia-se o Grupo de Passeio. Não é nada raro que logo de início algum dos pacientes diga: Vamos para casa! e também não tão raro que um dos terapeutas retruque com uma resposta padrão: O quê, está nos convidando para ir para sua casa? E aí pessoal? O que vocês acham de ir na casa do fulano passear? Alguns risos, alguns resmungos concordando com a proposta inicial do paciente e, então, iniciam-se as sugestões do dia: Parque da Aclimação, Boliche, Sinuca, Sorvete... e assim vai até que se encerra o momento de dar sugestões e parte-se para a hora da votação. Esse momento, na grande maioria das vezes, tem que se repetir por mais de uma vez.

Algum paciente que não votou, outro que votou duas vezes, outro que não aceita o resultado e começa a tumultuar pedindo nova votação.... E assim vai até que a cartada final é dada e todos se levantam rumo ao passeio vencedor. No percurso até a porta de saída enfrentamos ainda algumas questões. Uns que não querem ir, outros que não aceitam o passeio vencedor e outros insistindo para tirá-lo dessa posição.

Pensar em um programa, uma saída às vezes nos deixa em dúvida, o que fazer? Será que eu devo sair mesmo? Arrumar-me, encontrar pessoas, pegar o carro, trânsito ou ficar aqui em casa no conforto? Esse seria um paralelo com a nossa tarefa que se multiplica na complexidade da comparação. De um lado por que estamos em grupo, e se entender o que nós próprios queremos já é difícil, conciliar isso com o querer dos outros é uma árdua tarefa. Se acrescentarmos a isto diversidades de estruturas de funcionamento psíquico, aí sim, chegamos na borda do impossível.

Rubens entra no grupo contando suas peripécias como piloto de avião, passa a piloto da Challenger e depois a piloto de disco voador. Vera, irritada, diz: “manda esse cara calar a boca!” (sic). Rubens prossegue contando que o cockpit da nave é igual ao de um fusca. Todos riem em cumplicidade, alguns mais desconfiados e outros dentro do OVNI. Grande alvoroço toma conta do grupo, a grande maioria cai na gargalhada e Rubens, bem humorado, ri em conjunto. Depois disso os coordenadores dão a sugestão: pensarmos em propostas de passeios. Em meio a várias colocações dos integrantes do grupo, Rubens, repetidamente e sem intervalo, fala de várias propostas: poderíamos ir à praça da Sé, no cinema, no parque da Aclimação, no Ibirapuera, tomar um café, ir à exposição, entre outros. Integrantes do grupo tentam dizer-lhe que assim não conseguiríamos definir nada pois desse jeito ninguém conseguia falar nem pensar em uma das várias sugestões dadas por ele ou por outros. Um dos terapeutas pergunta se ele não teria alguma preferência, talvez uma sugestão, algo que tenha vontade. Coloca a mão sobre o ombro de Rubens entendendo a complexidade da pergunta que lhe estava fazendo. Depois de alguns minutos e outras falas terem sido possíveis, Rubens propõem: “vamos lá para Congonhas, para Congonhas, vamos ver a Challenger, a cada vinte minutos tem uma Challenger, dá para ver do restaurante que tem lá, vamos para o aeroporto!”

Deparamo-nos com a complexidade da realização da tarefa neste grupo tão heterogêneo, pois nos pacientes de estrutura psicótica, onde não há uma referência que norteie o desejo, o querer fica mais diluído. Tanto faz ir passear no centro de São Paulo, ir ao cinema, tomar sorvete ou mesmo nem sair, ficar ali no grupo divagando eternamente sobre o que fazer. Com estes pacientes o trabalho deste grupo vai no sentido de uma significação possível, por mínima que seja, de dar um passo no sentido de uma construção metafórica. Por outro lado, cada vez mais participam do grupo de passeio pacientes com, os atualmente tão discutidos, sintomas da clínica contemporânea, que no momento da escolha coletiva insistem na vontade individual e qualquer outra sugestão soa como um ataque pessoal, uma guerra. Para estes, o abdicar da própria vontade deslocando-a, para possibilitar uma construção grupal, seria um dos objetivos da nossa tarefa.

No grupo de passeio o contrato, a grupalidade e o desejo são fundamentais. O contrato do grupo de passeio é regido pela regra de que todos devem participar da atividade proposta, sendo que essa atividade deve ter como característica básica ser uma saída, um programa que ocorra extra muros do hospital dia. Essa é uma regra, uma lei e é uma das bordas que contorna o grupo e dá a ele um mínimo de corpo para que possa acontecer.

O contrato funciona como um orientador importante do grupo de passeio, como algo que perpassa todas as decisões e ações do grupo. É uma lei que nos organiza e nos direciona.

Quando nos referimos ao contrato como uma lei, partimos do pressuposto de que este funciona para o grupo de passeio como uma referência, assim como a função paterna funciona na estruturação do sujeito neurótico. Como algo que refere o sujeito a uma amarragem central, que organiza o seu saber e faz dele um sujeito.

No grupo de passeio tal amarragem remete todos os seus participantes a um terceiro, que sustenta que todos tenham a liberdade para dar sugestões, opinar na sugestão alheia, votar na sugestão preferida. No passeio um pode tomar sorvete, o outro curtir a exposição, o outro ficar sentado, mas todos devem sair juntos.

O contrato do grupo de passeio tem que ser algo firme, e a cláusula de que todos devem sair juntos só pode ser quebrada em ocasiões muito singulares e especiais. Essa firmeza não é simples e é algo fundamental para que o Grupo possa acontecer.

Pensamos que o contrato, a grupalidade e as exigências da cidade podem contribuir para a produção de uma metáfora organizadora e possibilitadora de novas significações e de novos laços com o entorno.

Um pouco agitado, no meio de um shopping center superpovoado, Vitor pede que um terapeuta o acompanhe numa volta enquanto o restante do grupo se acomoda na praça de alimentação para tomar sorvete.

Ao reencontrar o grupo neste mesmo local, Vitor olha ao redor, recusa-se a sentar à mesa com os demais e acha um lugar no meio da praça. De pé, diante dos olhares da imensa platéia, começa a cantar: “Boemia, a que me tens de regresso...” Canta a música toda com uma modulação um tanto diferente da versão original. A mesa aplaude. Vitor sorri e quer dar outra volta, novamente acompanhado por um terapeuta. Neste segundo passeio, no entanto, olha para as pessoas, aproxima-se de algumas meninas, “canta” uma delas convidando-a para uma viagem ao Guarujá. Não se incomoda com a resposta negativa.

Vitor entra em lojas, quer comprar um presente para a mãe. Olha para as lingerie e se interessa por algumas. Pede que o terapeuta conte seu dinheiro e percebe em cada loja o que não pode comprar com a quantia. Não pode comprar uma lingerie, não pode comprar um caderno, não pode comprar uma flor. Encontra um cartão, dois cartões. Em sua dedicatória, tenta escrever sua história.

Efeito de intervenções institucionais em outras instâncias, e, ao mesmo tempo, retrato condensado do processo anunciado por Vitor. No contato com o entorno, fragmentos de sensações e estímulos são colhidos. Nos olhares espalhados pela platéia, ou nos sons que se proliferam pelos espaços, Vitor engancha em algo que lhe serve como disparador de uma criação própria, remetendo-o às possibilidades de conexões que lhe dêem um corpo e uma história.

Na formulação lacaniana, o *infans* – aquele que não fala – depara-se primordialmente com o desejo materno, primeiro significante que possibilitará a emergência de um sujeito desejante. Nesta relação dual com o Outro - aquele que deseja -, a metáfora paterna, processo pelo qual se instala a função paterna ou normativa, fará com que, efetivamente, a emergência acima ocorra.

Num primeiro momento o *infans*, colado ao desejo materno corresponderá às suas expectativas sendo colocado na posição de objeto deste desejo. Com a impossibilidade de completude deste desejo, ou de preencher a falta do Outro, a inserção da função paterna pelo Outro – com a revelação de sua condição de falta - conduzirá o *infans* à posição de sujeito. (Goldgrub, 2001)

Não somente função de acolhimento, a função materna, nesta teorização, entra como possibilitadora da existência de um ser, no empréstimo que faz de um corpo, de um olhar e de um desejo, que capacitam o *infans* à entrada em uma condição de alienação preconizadora do surgimento de um ser desejante.

O psicótico, como sabemos, é aquele que, para não ser reduzido a objeto de uma demanda imaginária do Outro, ou seja, objeto de gozo deste Outro, precisa produzir alguma significação subjetiva. Ele o faz a partir da construção de uma metáfora, metáfora delirante já que a paterna, o Nome-do-Pai, não foi inscrita. Esse é o trabalho possível na clínica das psicoses, produzir metáfora, metáfora delirante que faz suplência ao significante do Nome-do-Pai, que não podendo se inscrever como significante, não propiciou a constituição de todo o resto da cadeia significante. Ou seja, na psicose não existe ponto de capitonê, que amarra, que dá referência como na neurose, assim, os significantes e significações formam uma rede que desliza em todos os sentidos, sem nada que as oriente.

Essa amarra na neurose é justamente o significante do Nome-do-Pai, significante que marca a falta, ou seja, que marca que não se é todo, ou tudo para o Outro, mas que se pode ter alguns atributos que atraiam algum outro. Na constituição do sujeito, é justamente o registro da falta, que faz surgir o desejo. Na psicose podemos dizer que o desejo se apresenta de outra maneira, ele se esboça, se anuncia, e tem que ser fisgado, amarrado rudemente, de improviso para tecer uma teia, e talvez alguma ligação. Tentar fisgar o desejo, produzir significação é uma das intenções da clínica das psicoses e talvez a maior tarefa do grupo de passeio. (Calligaris, 1989)

A decisão do grupo era a de ir ao cinema, mas Samantha na entrada do filme se recusa a entrar, quer ficar em uma loja de ursinhos de pelúcia. Uma das terapeutas se propõe a ficar com ela. Samantha passa a olhar exaustivamente os ursinhos e brincar com as coisas de criança. Em um determinado momento Samantha nota o olhar de desinteresse da terapeuta

pelos ursinhos e decide andar pelo shopping. Anda pelas lojas e encorajada, arrisca entrar em uma loja de roupas de adolescentes, depois a entrar em lojas de roupas femininas mais adultas e o passeio pelas lojas termina com experimentações de perfumes e maquiagens. Maquiada Samantha se olha no espelho e ri espantada. O interesse pelos ursinhos havia se desdobrado na possibilidade de interesse pelas coisas de mulher, assunto que passou a estar presente a partir de então no discurso de Samantha e em seu tratamento. A riqueza desta experiência de Samantha no grupo de passeio fez surgir a possibilidade de um acompanhante terapêutico para esta paciente que, porque não, dias depois, reivindicou no grupo das mulheres que se pedisse desconto no salão de beleza ao lado do hospital-dia.

No decorrer de sua obra, Freud faz múltiplas referências ao desejo, nem sempre atentando à especificidade da concepção metapsicológica do termo. A conceituação de desejo com sua especificidade aparece em “A Interpretação dos Sonhos” (1900). Neste texto, os sonhos são pensados como uma realização alucinatória, através do trabalho do sonho, dos desejos insatisfeitos do sonhador. Estes são desejos sexuais infantis inconscientes, inatuais, atemporais e autônomos e também eternos e indestrutíveis, uma reserva eternamente produtora de sonhos.

Para Freud, o desejo está associado à experiência originária da vivência de satisfação. Esta vivência primordial consiste no apaziguamento de uma tensão interna causada no bebê pela necessidade de se alimentar, através de uma ação específica que alguém realiza. A partir daí, a imagem do objeto que satisfaz a necessidade passa a ocupar um lugar de preferência na constituição do desejo daquele sujeito, passando a guiar sempre a busca do objeto de satisfação.

Segundo Freud,

Um componente essencial dessa vivência de satisfação é uma percepção específica cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade. Em decorrência do vínculo estabelecido, na próxima vez em que esta necessidade for despertada, surgirá de imediato, uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção, isto é, restabelecer a situação de satisfação original. **Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo.** O reaparecimento da percepção é a realização do desejo e o caminho mais curto para esta

realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção. (Freud, 1900, p. 594 e 595, grifo nosso)

Assim, para Freud, desejar é procurar a identidade de percepção que esteve associada, em um tempo primitivo, a uma satisfação. Esta percepção é um traço do objeto que ficou perdido, e que recatexizado, visa à satisfação original. Para ele o termo desejo designa ao mesmo tempo o movimento desejante (moção) e a realização do desejo. Freud diferencia necessidade e desejo ao dizer que a necessidade encontra sua satisfação através de uma ação específica que fornece o objeto adequado, por outro lado, o desejo está ligado a traços mnêmicos e encontra sua satisfação na reprodução das percepções a estes associadas. A procura do objeto na realidade é orientada por estes sinais perceptivos, e a articulação desses sinais constitui o correlativo do desejo que é a fantasia, que é, como no sonho, sua realização alucinatória. (Laplanche e Pontalis, 1991)

Lacan, em sua releitura de Freud, traz o conceito de desejo para um lugar central na teoria psicanalítica. O autor interpreta a referência a uma primeira satisfação como mítica e, para ele, esta corresponderia à perda do biológico no desejo. É na distinção pormenorizada entre necessidade e demanda que ele vai fundamentar sua concepção de desejo. O desejo para Lacan define-se, em primeiro lugar, em sua relação intrínseca com a ordem biológica das necessidades e a ordem da linguagem da demanda de amor. O homem deseja, pois a satisfação de suas necessidades passa pelo apelo dirigido ao Outro, o que já altera a possibilidade de sua satisfação, que se transforma em demanda de amor. Não mais almeja, desde sempre, o objeto de satisfação da necessidade, mas aquilo no que isto se transformou nessa passagem obrigatória pelo Outro, ele demanda amor. Estabelece-se aí uma relação de contigüidade entre a necessidade e a demanda, objeto de satisfação da necessidade e amor lado a lado. A ordem biológica da necessidade não basta a si mesma, mas o amor com relação ao Outro, em que o sujeito se aliena, permanece marcado por uma exigência da satisfação absoluta (emprestada da necessidade) que já está a priori perdida, justamente por esta relação de contigüidade. O amor seria então apelo ao Outro tendo em vista uma satisfação que, seja como for, não se dará da maneira como é demandada, pois o terreno da relação com o Outro é estruturado pela relação do sujeito com a linguagem, o que marca uma distância estruturante entre o dito e o almejado. Para

Lacan, o Outro, o inconsciente, é o lugar do “tesouro dos significantes”, o que significa que a demanda de amor é a experiência pela qual se recortam certos traços do Outro que estruturam a relação do sujeito com a linguagem e com o seu desejo. (David-Ménard in Kauffman,1993)

Imaginemos o seio como este objeto que, em um primeiro momento suposto, satisfaria a necessidade. Ao pedir o seio a criança grita, e esse grito tem valor de demanda. Sendo a demanda uma fala, por princípio, ela nunca chega a designar exatamente o objeto querido. Existe uma inadequação fundamental entre objeto e linguagem, entre aquilo que quero e a fala que enuncio para obtê-lo; entre o seio reclamado, e o grito que apela. Quando a criança chora sua fome, a mãe pode achar que é frio que ela sente, e assim vão se sucedendo os mal-entendidos. A demanda, portanto, erra o alvo de seu objeto, que transforma o objeto real querido numa abstração mental, em uma imagem alucinada. Essa imagem é chamada de objeto do desejo, ou de objeto *a*. O seio demandado torna-se, por intermédio da fala, o seio alucinado do desejo. Este seio do desejo está marcado pelo desejo da mãe de dar o seio, que compreende não só o desejo de alimentar, mas o desejo marcado por um certo erotismo. O seio psíquico, o seio do desejo da criança, depende do desejo materno na sua constituição. O objeto desejado não pertence nem a mãe nem ao filho, este se encontra entre os dois, na intersecção do Outro com o sujeito. A constituição do desejo, do objeto *a*, é efeito de um corte significante operado pela demanda, em que o seio orgânico do corpo materno é simbolicamente separado e perdido pela ação da fala. Ainda assim não se pode dizer que o seio alucinado é o objeto *a*, ele recobre, mascara com imagens o que é da ordem do indefinível do objeto *a*. Como diz Nasio (1993, p. 105), é “...o furo revestido pelo semblante alucinado de um seio.”

Assim podemos pensar que, para Lacan, o desejo nasce da falta e da inadequação. O objeto nunca será encontrado, não haverá satisfação. A inadequação entre necessidade e demanda compõe a condição para o desejo. E o desejo é o que define a possibilidade de o ser passar a ser sujeito. O desejo almeja o incesto, que quer dizer que o sujeito almeja o corpo da mãe, e este é inatingível. O desejo encontra um substituto para o incesto que é o objeto alucinado, que será encontrado mais tarde sob a forma da fantasia. Este objeto satisfaz o desejo parcialmente, é uma parte alucinada do corpo da mãe, e não ela toda. Esta condição de parcialidade do desejo protege o sujeito do perigo da satisfação total do incesto, que seria o gozo do Outro (colocar-se inteiramente como objeto do desejo do Outro). Esta parcialidade é o traço: um cheiro, uma sensação tátil, um som, que vão revestir o objeto *a*, o objeto causa do desejo.

Dizendo de outra maneira, o objeto a “*Como tal é a margem que separa, devido à linguagem, o sujeito de um objeto supostamente perdido. Esse objeto é a causa do desejo e o suporte do fantasma do sujeito.*” (Chemama, 1995, verbete: *desejo*)

O psicótico, como já foi dito, fica em uma posição de objeto do gozo do Outro, não acedendo a condição de sujeito desejante. Ele esbarra em um momento primitivo, quando a linguagem não pode, como na neurose, inscrever essa primeira interdição simbólica, o corte significante, impossibilitando o acesso ao objeto do desejo. O corpo do psicótico ocupa a posição de objeto para o Outro, não há nada que o designe como sujeito, é um corpo em que não se faz aposta de sujeito. Não há mediação simbólica, não há um significante que pince o sujeito inserindo-o em uma cadeia significante. O grito não é escutado como apelo ao Outro, como demanda. Mas como necessidade. Sabe-se com toda a certeza (não castrada) o que o ser precisa, portanto o Outro não se põe a supor o que o grito pede, obturando o espaço vazio onde se inseriria o desejo. É o próprio corpo da criança que se coloca para aplacar a incompletude do desejo materno.

No grupo de passeio nos colocamos a escutar o grito como apelo ao Outro, mesmo que ele não esteja endereçado, supostamente está para nós. Fazer do grito um significante é um trabalho a realizar.

*Nosso trajeto até o aeroporto foi bastante demorado. Pegamos um ônibus que muitas voltas dava e que nunca chegava ao seu destino. Durante essa espera, Rubens foi ficando um tanto aflito e apreensivo. Nós também, pois não sabíamos se teríamos tempo suficiente para desfrutarmos da visita a Congonhas. Chegamos e nos instalamos em um restaurante do aeroporto que tem vista para a pista. Lá Challengers decolavam de 20 em 20 minutos. Sentamos todos em uma grande mesa que ficava distante das janelas. Todos iam de tempos e tempos assistir aos aviões. Rubens primeiro sentou-se e fez seu pedido ao garçom como o restante do grupo. Ele não parecia estar muito interessado nas tais decolagens e pousos. Relutou um pouco até ir para perto das janelas. Quando foi, fez alguns comentários, mas parecia um tanto alheio ao cenário. Ao voltar à mesa parecia mais alegre, comprou e distribuiu cigarros a todos do grupo, com sua gentileza habitual. Passou também a oferecer cigarros às pessoas que estavam sentadas nas outras mesas, e às vezes, acrescentava ao oferecimento uma pergunta: *Você é de Marte? De onde você vem?* Com total naturalidade. Algumas pessoas se*

intimidavam, fingiam não escutar, mas como freqüentemente acontece, outras embarcaram: “ Sim, sou de Marte. E você de onde é?”. A partir desse momento começamos a desconfiar que para Rubens estávamos mais em uma sala de espera de estação espacial, do que propriamente em um restaurante de aeroporto.

O que esta saída produziu em Rubens? Não podemos precisar. Algo se produziu. Mas as reverberações não aparecem logo a seguir, nem em uma menção direta àquele passeio. Reverbera sob diversas formas nos outros grupos da instituição, e vez ou outra volta a se presentificar no passeio, pela boca de Rubens ou de outro participante, que a toma a partir de outra perspectiva.

Diversas significações são produzidas, já que articuladas às singularidades próprias das histórias de cada participante. Multiplicidade de possibilidades de enlaces subjetivos que são oferecidas a partir da diversidade de experiências acompanhadas, proporcionadas pelo passeio.

Às vezes a cidade faz mais um ponto de amarra na construção da metáfora delirante, algo que podemos supor, mas não visualizamos com clareza. Muitas vezes só um bom tempo depois é que temos a idéia de como tal passeio fisgou aquele paciente. No momento das saídas, apenas apostamos que algum território de existência subjetiva possa se criar.

Boliche do Central Plaza, Sinuca da Machado de Assis, Cine Belas Artes, Sorveteria Alaska, Parque do Ibirapuera, MAM, MASP, Autorama do Shopping Santa Cruz, Fliperama da Paulista, Rei do Mate do Conjunto Nacional, Instituto Butantã, PlayCenter, Praia, Centro Cultural Vergueiro, Renoir, Fotografias, Galeria da Fiesp, Casa das Rosas, Aeroporto, Trianon, Fran’s Café, Circo de Cuba, Oca, Tate Gallery, Exposição da China, História da Televisão, Bienal de Arquitetura, Teatro Municipal...

E muito mais. Este é um fio na trama que tecemos no grupo, uma trama onde a cidade se entranha e onde os terapeutas do grupo tentam costurar algum fio de ligação com os pacientes.

O grupo de passeio faz um convite, mais do que um convite, dá voz ao que é laboriosamente silenciado: É preciso sair! Sair dos muros institucionais, sair da ladainha repetitiva da entrega do próprio corpo ao Outro, sair do atraente e tenebroso deserto narcísico sem desejos, para povoá-lo.

O que fazemos no passeio é povoar esse deserto, povoar de prédios, parques, pinturas, filmes, histórias... para dar texto e produzir sentido ao que na psicose se apresenta, muitas vezes, desligado.

Paramos o ônibus que nos levaria ao destino, na entrada confusão, demora, grande fila de carros buzinando. O motorista, que por conhecer aquela trupe que frequentemente às sextas-feiras tomava seu ônibus, sorria. Uns decidem passar a roleta, outros decidem esperar na frente junto com os que tem carteirinha e descem por lá mesmo. O grupo se espalha pelo ônibus bastante ocupado. Entra um vendedor ambulante expondo seu produto, faz sua propaganda e começa a percorrer o veículo, no final se instala perto da porta traseira e um integrante do grupo pergunta:

- *Onde você mora?*
- *Moro na Freguesia do Ó*
- *Você demora para chegar até aqui?*

A conversa prossegue quando é interrompida repentinamente por uma voz que vem lá da frente:

- *Minha avó mora na freguesia...*

O primeiro continua:

- *Em que rua?*
- *Na rua X*

É quando um quarto integrante do grupo intervém

-Eu já estive lá!

O Vendedor, assombradíssimo, desce na próxima parada talvez se questionando porque aquele assunto foi tão interessante para os passageiros daquele ônibus, ou achando que SP está cada vez mais fraterno, e a conversa dentro do ônibus continua...

Vamos acompanhados de terrores, de medos de coisas, de pessoas, dos barulhos, da movimentação, das multidões e somos surpreendidos pela cidade, pelos encontros que ela proporciona. Podemos ir ao cinema e nos deparar com um filme de terror que remete exatamente ao terror paranóico de um paciente, ir a um museu e nos deparar com a leitura inusitada de uma pintura clássica, ir a exposições e encontrar monitores que se tornam

interlocutores que com delicadeza acabam participando do grupo por alguns instantes. Por outro lado também nos deparamos com a falta de jeito, o constrangimento próprio do estranhamento ao familiar que as pessoas apresentam no encontro com nosso grupo.

Pensamos que essa diferença nos faz poder intervir de diversos modos gerando uma trama de potência constitutiva ímpar. Isso não significa que encontramos a saída nessa junção, muitas vezes o resultado dessa trama acaba sendo até impossibilitador da tarefa, o que resulta em um re-pensar grupal. Estamos falando de um processo, de um grupo que tem seqüências e conseqüências, o grupo de um dia não funciona separadamente do grupo da semana anterior, tentamos trazer ao grupo atual as conseqüências do grupo anterior, tentando traçar um sentido para a tarefa e um percurso “trans-formador” do sujeito.

Não se pode esquecer que o grupo de passeio sobrevive à difícil tarefa de conviver com a realidade da rua, com todos os cortes, em seus possíveis sentidos, que essa possa vir a representar ao sujeito e às suas produções delirantes.

No aeroporto, à espera de um táxi, Manoel olha para o saguão que lhe traz fragmentos de lembranças ainda sem muita conexão. Lembra-se de, em sua primeira crise, implorar ao pai que o levasse ao aeroporto. Lembra-se de imagens e as conecta às falas do pai que, num momento seguinte ao surto, conta-lhe seu pedido e de seu próprio desespero, dele pai, em sua impossibilidade de alcançar o sentido do pedido, mesmo percebendo a intensidade das sensações do filho e a importância de concretizar algo para que, minimamente, surgisse alguma fala mais estruturada. Aí começa a viagem de Manoel. Neste momento possibilita-se o resgate das imagens, das falas, do olhar desesperado do outro. Inicia-se a tentativa de escapar de algo que, violentamente, o invadia. Neste momento do tratamento sua viagem já podia ter uma parada, um recuo, um resgate seguido de elaboração. Possibilita-se a viagem com retorno, um embarque acompanhado, não mais um mergulho solitário no caos de lembranças desconectadas.

Bibliografia

CALLIGARIS, Contardo (1989). *Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses*. Porto Alegre, Artes Médicas

CHEMAMA, Roland (1995). *Dicionário de Psicanálise Larousse*. Org., Settineri, Trad. Francisco Franke. Porto Alegre, Editora Artes Médicas

FREUD, Sigmund (1988). *Interpretação dos Sonhos*. 2ª.ed. Rio de Janeiro, Editora Imago

GOLDGRUB, Franklin W. (2001) *A máquina do fantasma – Aquisição de Linguagem & Constituição do Sujeito*, São Paulo, Editora UNIMEP

KAUFFMAN, Pierre. (1993) *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Editor Jorge Zahar

LAPLANCHE, Jean (2001) *Vocabulário da Psicanálise*; sob a direção de Daniel Lagache; Trad. Pedro Tamen. 4ª.ed. São Paulo, Editora Martins Fontes

NASIO, Juan-David (1993). *Cinco Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Editor Jorge Zahar